

# JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

## MODAS



Uma das mais adoráveis novidades, que nos podia dar este anno, de cifras, vapores e estradas de ferro, estava reservada para apparecer na presente estação, e fechar graciosamente o anno de 1855 sob o timbre nacional do mundo elegante brasileiro.

Pariz, a inexaurivel fonte das novidades de boni gosto, com o seu genio interminavel das mais bellas creações de um variado seguimento de modas encantadoras, incumbiu-se da missão.

Olá! que novidade será esta? Direis vós, querida leitora, admirada do preambulo.

Se pelo rodar da carroagem se conhece quem vai dentro, como diz o rifão antigo; pela introdução deste artigo deve esperar-se grande cousa! — Sob o timbre nacional... Isto quer dizer muito.

Para mim é muito, querida leitora: para mim ha um prazer, que não explicarei, mas de que podeis fazer idéa, cujo fruir, ufana-me, e chego a pensar até que já temos tambem um ponto nosso na geographia do mundo das modas a par da civilisação do mundo velho que nos corteja attentiosamente, como que nos dizendo o mesmo que ouvi de um risonho e complacente velho no ultimo baile do *Cassino* fallando de um joven im-

berbe, seu parente, a quem acabava de afagar com toda a ternura: « Não é só a amizade que lhe tenho, dizia elle, é a conveniencia que terei mais tarde, quando as pernas cambalearem e os olhos já não enxergarem, de possuir então um amigo indulgente que me dará a mão, e commigo caninhará a passo lento.

Ah... se todos os velhos fossem assim, não teria eu o vexame de ver um velho arrufado por não poder alcançar — uma contradanga! e outro, ainda mais rabugento, desconfiar por que certa moça o chamou — *eclipse*!

Ora, a fallar a verdade, o velho cavalheiro tinha razão — eclipse é um nome muito feio.

E a adoravel novidade que nos deveis dar?

Ah! tendes razão. Ia-me afastando della com todo o paño, sem mais lembrar-me do que havia principiado a dizer-vos. Assim aconteceu ha dias a um certo moço moreninho que projectou fazer uma bonita figura em certa noite apparecendo quasi que ao mesmo tempo em todos os pontos de um aristocratico salão de baile; não contente de saracotear por toda a parte, engajou muitos pares, emmaranhou-se nas contradanças e passeios, e por fim, não estando ao seu alcance a realisação de todo o vasto projecto que medi-

tára, não pôde dar conta da mão, faltando insipidamente a duas senhoras que por sua causa ficarão sentadas sem dançar, e que jamais se esquecerão da galantaria com que falta ao que promete o moço moreninho.

Estes moços, que podião ser tão bons, mas que se deixão arrastar pela impetuosa torrente das vaidades e caprichos, destroem cruelmente as mais bellas disposições do seu coração, modelado talvez para o desenvolvimento do bello e do sublime, renegando de seus principios ou r'ora estabelecidos sobre as mais bem entendidas esperanças..!

Mas, a novidade, a novidade que nos pretendis dar?..

Dens meu! Como escrevo hoje! Se vou assim, creio que não terei remedio se não lançar mão de um—*continuar-se-há*— neste artigo!

Aqui está porque muita gente escreve sem proveito, ou sem ser entendida como devêra ser: e por que misturão, como eu, albos com bogalhos, preparão um manjar de muitas palavras e raminhos que o leitor saboreia, mas não lhe fica com o gosto, porque são muitas as especearias ao mesmo tempo que lhe transtornão o paladar. Nada, querida leitora, o artigo é de modas, pois sejam as modas somente o objecto deste artigo.

A novidade que vos quero dar, é de um lindissimo bordado que faz hoje o bom-tom de Paris; que domina deliciosamente sobre a mais bella lencaria do mundo elegante; que fez por algum tempo, vacilar e esquecer o liudo *bordado Inglez*; e que merecendo a mais feliz aceitação impera só por si elegantemente nos delicados collarinhos, nos punhos, nas mangas, nos entremeios, e nas saias brancas, formando a mais delicada guarnição. Não ha uma só Parisiense do bom-tom que não tenha a esta hora duzias de guarnições deste bordado enfeitando a sua perfumada lencaria: é a moda que todas as senhoras estrearão; é uma novidade que todos quizerão possuir; mas todos quizerão-na possuir, por que ella realmente é digna dessa aceitação.

Chama-se BORDADO BRASILEIRO essa novidade que tem feito em Paris tão grande furor.

É pois o bordado Brasileiro que está no galarrim da moda, e do qual vou dar-vos uma pequena explicação, para que o avaleis, em nome e trabalho, pelo seu verdadeiro merecimento.

Uma elegante patricia nossa, que reside actualmente em Paris, desejando mimosear a uma alta personagem do seu paiz natal, lembrou-se de bordar por suas mãos um liudo vestido branco para o presente. Para este fim mandou chamar a um dos mais habéis debuxadores, e incumbiu-o de copiar, designadamente sobre os moldes do vestido, uma collecção de bordados e rendas delicadissimos que ella levára de cá do Rio de Janeiro. O debuxador promptamente executou o seu trabalho; mas gostando dos desenhos e da novidade, tirou tambem uma cópia para si, que sem escrupulo ou satisfação foi vendel-a algum tempo depois aos fabricantes de rendas e bordados, os quaes para logo comprehendêrão o alcance vantajoso que podia ter esta novidade, metterão mãos á obra, e eis em poucos mezes o bordado prompto e perfeito, e o mundo elegante de Paris

entregue ao influente predominio do — Bordado Brasileiro.

Ja vêdes, querida leitora, que o nome que os Parisienses lhe derão é o mais bem fundado.

Vejâmos como fizeram elles o bordado. Elles fizeram um terceiro trabalho, composto do ponto da nossa renda e do ponto do nosso bordado, o mais gracioso; o mais distincto, que poder-se-hia imaginar, de maneira que no Bordado Brasileiro encontra-se um rendado que se parece com a nossa renda, e um bordado a ponto de cascar que combina e apresenta um trabalho tão habilmente preparado, que não se poderá duvidar, ao vel-o, que ali está transpirando o gosto das nossas rendas — *pegamentos* e *pontinhas*, entre os aperfeiçoamentos do gosto moderno. A' primeira vista parece, pelo immenso aberto que tem, Franzino e de pouca dura, e entretanto é um dos bordados mais fortes que eu conheço, e deve ser de muita duração, por que até é facilimo o seu concerto, e está ao alcance de qualquer das nossas criadas o fazel-o.

Um pequeno sortimento de collarinhos para vestidos alugados, entremeios, e saias com a sua competente barra de Bordado Brasileiro, ireis encontrar em casa de M.<sup>mo</sup> Barat, que os recebeu por este ultimo paquete. Examinaí uma por uma dessas peças, e dizei-me depois, querida leitora, se não é digno de attenção o Bordado Brasileiro.

Eis o que de mais novo tenho a dizer-vos por esta vez. Veremos se depois do *eclipse do dia 30* apparecerá mais alguma novidade no mundo das modas.

## DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE SOIRÉE DE VERÃO. — Penteados de fitas e barba de renda *maline*.

Vestido de tarlatana branca com tres saias embainhadas, e junto á cada uma das bainhas uma ordem de lita crespa *a la vieille*. Corpo á virgem, decotado, e guarnecido com a mesma lita crespa. Cintura redonda enfeitada com um cinto de lita larga de pontas cahidas. Mangas curtas e fofas. Bracletes de lita larga. Luvas de pellica branca.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA DE MANHÃ. — Cabellos em bandós ondeados, trança em grande volta sobre o seu amarrado.

Robe de chambre, de seda branca adamascada de flores azues, enfeitado adiante com revezoes de chamalote branco e cinco ordens de galão de veludo azul muito estreito listrando os lados. Na cintura, para levemente conchegal-a, um cordão de seda com borlas. Por sobre este chambre um *casaveck* da mesma seda enfeitado todo em roda de uma tira de chamalote e galão estreito de veludo azul.

Sub-mangas e collarinho de Bordado Brasileiro.

VESTUARIO DE CRIANÇA. — Vestidinho de caça pintada, de tres bahados, orlados com festão. Corpinho franziado á ingleza, com cabeção *echarpe* redondo atraz, enruzado adiante, voltando as pontas sobre a cintura, onde se dá uma laçada deixando cahir atraz as pontas até a altura do

segundo folho. Manguinhas curtas. Chapéu de palha á pastora enfeitado de fita e flores do campo, com uma renda cahida em volta da ába. Calcinhas curtas ornadas de tira bordada de ponto Brasileiro.

Braceletes de veludo preto estreito.  
Botinas de melania preta, bico de verniz.  
Cattete, 5 de Dezembro.

*Christina.*

## ROMANCE.

### UM AMOR DE MULHER.

(Continuado do n. 48.)

« Quando Lucila desmaiou no sarão do dia de seus annos, Fernando, que ia retirar-se do salão, pretendendo despedir-se do Sr. Samuel no dia seguinte, antes de Lucila acordar, mudou immediatamente de resolução, e proeuiou com sua presença e desvelos remediar o mal que tinha feito sem prever.

« O baile terminou logo por esse successo inesperado; e quando Lucila recobrou os sentidos, só achou, em torno do sofá em que estava reclinada, sua mãe que chorava, seu pai, Cecilia, Fernando quasi louco, e tres ou quatro medicos que conversavão tranquilllos, conscios do nenhum perigo que corria a linda doente.

« Quem a visse assim — pallida — as palpebras cahidas — com seus cabellos louros desatados — os braços pendidos — as sedas de seu vestuario desalinhadadas, — a pensaria dormida no regaço de Deus — aujo que repousava placido na eternidade das insomnias de sua vida na terra.

« Se era um corpo sem alma — era bem certo que accende paixão um corpo sem alma: sim; si era um cadaver — era bem certo que se pôde amar com ardor um cadaver.

« Lucila assim, era sempre bella, e jazia voluptuosa, como o lindo corpo de Adriana no extasi que sorveu no derradeiro beijo de Djalma.

« Fernando nunca a tinha visto com tantos encantos; se ella deslumbraava como um cherubim, se apaixonava como uma virgem, assim tinha a belleza da fada — a sedução de Venus — as fascinações da mulher.

« Durante um quarto de hora o estudante sorveu gólo á gólo toda a amargura que pôde a dor derramar no vaso d'alma! Era bastante mais um minuto para que elle succumbisse ao peso do soffrimento: — mas foi serenando o seu espirito quando o delirio succedeu ao espasmo profundo de Lucila.

« Seus labios se entre-abrirão para deixar passar o nome de Fernando, como si lhe pezasse no coração, e cerrárão-se depois moldando um sorriso de santa, como si esse nome, partindo de sua alma, a deixasse abandonada na solidão da

resignação — levando todos os gozos de sua vida — todas as recordações doces de um passado tornado vasio.

« Seguiu-se um momento de lugubre silencio: ella passou a mão pela fronte, descerrou as palpebras, e sorriu outra vez amargamente: — tinha despertado.

« Sentou-se, e contemplou Fernando tristemente — como se contempla o retrato de um amante que morreu.

« O Sr. Samuel comprehendeu que elles se amavão, mas não atinou com a causa do ataque de sua filha. A Sra. D. Margarida nada percebeu — tal era a sua afflicção! Quem for mãe comprehenderá perfeitamente a sua situação dolorosa — eu não sei explical-a — e ninguem nunca explicou a dor de uma mãe que vê um filho nos paroxismos da morte. — Só ella, e talvez Deus.

« Pouco depois, Lucila estava inteiramente restabelecida. E quando todos se derão boa noite, ella teve occasião de dizer a Fernando: « Muito obrigado por ter ficado — não avalia o bem que me faz. »

« A unica resposta de Fernando foi uma lagrima que cahiu-lhe no coração — os olhos ficaram seccos e parados.

« Retirárão-se todos para seus aposentos, e duas horas depois, só dous entes velavão na casa do Sr. Samuel: pensavão um no outro — e o que pensavão, Deos sabe que era bem criminoso.

« Cecilia, que tinha ficado com sua amiga a quem promettêra passar com ella toda semana, sonhava com um tolo que lhe tinha rendido no baile uma fineza estúpida.

« O Sr. Samuel dormia como um porco, e tinha o maldito defeito de roncar desabridamente, de modo que, de quando, em quando, despertava sua mulher, que apezar de habituada, nessa noite estava sobresaltada e afflicta, mesmo adormecida.

« Agora faço uma pausa, porque tenho par para esta valsa que se vai dançar, e depois te contarei o que se passou nesse domingo, tão esperado por Lucila, por causa da promessa que Fernando tinha feito de ir vê-la; e como ella — terás uma surpresa desagradavel, porque naturalmente has de prevêr resultados funestos.

O romancista, e eu, separámo-nos, e só pude agarral-o no fim do baile, quando todas as moças se retiravão.

Travei-lhe do braço, acompanhei-o até á casa, e de caminho elle contou-me o resto do Capitulo VI.

« Erão, não sei quantos de abril, principiou elle; o que é certo, porém, é que era o domingo tão anciosamente esperado por Lucila.

« O dia amanhecia com todas as galas do Céu magnificente de Pernambuco na estação do estio. A aurora parecia uma sultana que se recosta soberba nos damascos azues de seu docel ottomano; e Lucila, adormecida e envolta nas roupas verginaes de seu leito de donzella, assemelhava-se nesse momento á linda e pallida estrella d'alva, quando descansa pensativa no meio de uma nuvem branca — candido astro que derrama de seu seio gótas douradas, de innocencia, de belleza e de poesia.

« Um raio de sol, atravessando as vidraças do

seu camarim e se infiltrando por entre as cambradas do cortinado de seu leito, foi pousar docemente na boca divina da linda adormecida, colorindo-a de um encarnado celeste, como si fosse um beijo mandado do Céu por algum anjo de Deus para seus labios — como uma saudação de bom dia.

« Lucila despertou. As cortinas se abrirão, e d'entre os damascos das colchas sahio um roupãozinho branco, afogado e solto, uma dessas imagens de alabastro de Corregio — loura, pallida, de tranças desatadas — tão bella como a pombinha que se levanta do ninho.

« Viu-se então um pé pequeno pisar um tapete de velludo — era uma petala de angelica desfolhada sobre uma taboa de ebano; mas de repente escondou-se n'uma botina parda de camurça — delicada e feiticeira como a sandalia da Circassiana.

« Lucila encamiuhou-se á uma mesa de mármore onde estava n'um oratorio de ouro uma Nossa Senhora da Conceição: ajoellou-se sobre uma almofada de veludillo encarnado, e leu n'um livro negro por espaço de cinco minutos: era a sua prece da manhã que ella lia no album, que lhe tinha dado Fernando — e essa oração era tão santa como si fosse ensinada a um anjo por Deus.

« Tirou do seio uma nomina de mármore, que pendia do pescoco presa a um trancelim dos cabellos de sua mãe, abriu o fecho de prata que a fechava, beijou uma imagem de ouro de Christo crucificado, tornou a collocal-a no santuario de pureza em que a guardava, beijou os pés de nossa Senhora — o livro negro como si fosse sua Biblia — e levantou-se então com o semblante de uma santa immaculada.

« Contemplou depois o retrato de Fernando que estava desenhado na primeira pagina do album, e corou, como se tivesse pejo de que o olhar do retrato a visse com o seu roupãozinho de dormir.

« Se seu primeiro pensamento foi cumprir o culto que devia a Deus — orar de joelhos, — o segundo foi cumprir o culto que devia a Fernando — adornar a sua belleza. Depois do Deus de suas crenças e do Céu — o seu deus da terra e do coração; — depois da religião — o amor; — depois do altar — o toucador; — depois da oração — o *toilette*.

« Eis o acordar de Lucila. Se não descrevi bem, é porque só a linguagem do poeta pôde descrever o acordar de uma moça — o desalinho magnetico de seu vestuario de dormir — o desconcerto gracioso de seus cabellos soltos — a pallidez divina de seu semblante, e tanta cousa, que só quem sabe é quem viu.

« Como nunca fui noiva, não estou bem iniciado nesses mysterios do pudor, nesses segredos tão lindos de um quarto de moça!! Não é por falta de curiosidade que eu nada sei a respeito; mas é que nunca achei occasião propicia de pôr em pratica o meu *maldito* desejo.

« Só ás dez horas, porém, continuou o romancista; Lucila desceu de seu quarto. Vinha radiante de belleza e de luxo! Descobria-se na harmonia e escolha de seu *toilette*, que ella pensara

em Fernando quando adornou-se, — que teve o pensamento de offuscal-o e de encantal-o, — que o amor e a vaidade tinham presidido ao seu vestuario desse dia. Trajava de branco.

« Foi assim que ella veio esperar o seu adorado Fernando; e nem previa que victoria tinha de ganhar d'ahi á algumas horas!

« Depois do almoço, a sala de visitas do Sr. Samuel, era um vaso cheio de flores que aqueciao com seus perfumes o ambiente que se respirava.

« Que massada! interrompeu-se o narrador; a comparação comprometteu-me; porque havia tambem na sala uma porção de *marmajos*... mas, vá assim mesmo, erão *cravos de defunto* — *gyrasões e beijos de frades*, que rodeavão o ramallete das camelias, rosas, maguolias e açucenas.

« Era uma reunião das bellas amigas de Lucila. Umaz jogação a bisca de quatro — outras a peteca de lenço — outras a bagatela — umas tocavão piano — outras vião as caricaturas do *Carapuceiro* e do *Panorama* — outras jogavão o xadrez — outras se emballavão em cadeiras de balanço á conversar com os namorados, entre estas, Cecilia.

« Só Lucila, desasocegada, chegava de vez em quando á janella, d'onde o sol do meio dia a fazia retirar-se, apezar do seu lençinho de cambraia com que tapava o rosto.

« Uma occasião distrahiu-se a ver jogar, quando batêrão palmas na escada.

« Ella estremeceu toda, e ficou muda e immovel, e um sorriso dourou-lhe os labios.

« Cecilia olhou-a maliciosamente, e ambas de braço se dirigirão á porta.

« Encontrarão já no corredor a Fernando — duas lindas mocinhas, de desesete annos e uma senhora, delicada e fragil, já idosa, que trajava de preto.

« Lucila ficou inteiramente sorprendida desse encontro, porque não as conhecia; mas logo dissipou-se a sua surpresa por estas palavras do estudante:

— D. Lucila, apresento a V. Ex. uma boa amiga — minha mãe.

« Ella abraçou-a carinhosamente; e beijou-lhe a mão com uma ternura de filha: era bastante ser mãe de Fernando para merecer della esses carinhos — além de que a Sra. D. Anna tinha a bondade desenhada no semblante, e um recato de respeito lhe movia os gestos.

« Lucila, sem máis apresentação, foi tambem abraçando uma das moças, e nesse abraço, que se prolongou cheio de effluvios, se diria que dous corações semelhantes se tinham encontrado, — que duas almas se tinham enlaçado n'um laço de ternura — que a sympathia jurava uma amizade profunda de duas virgens.

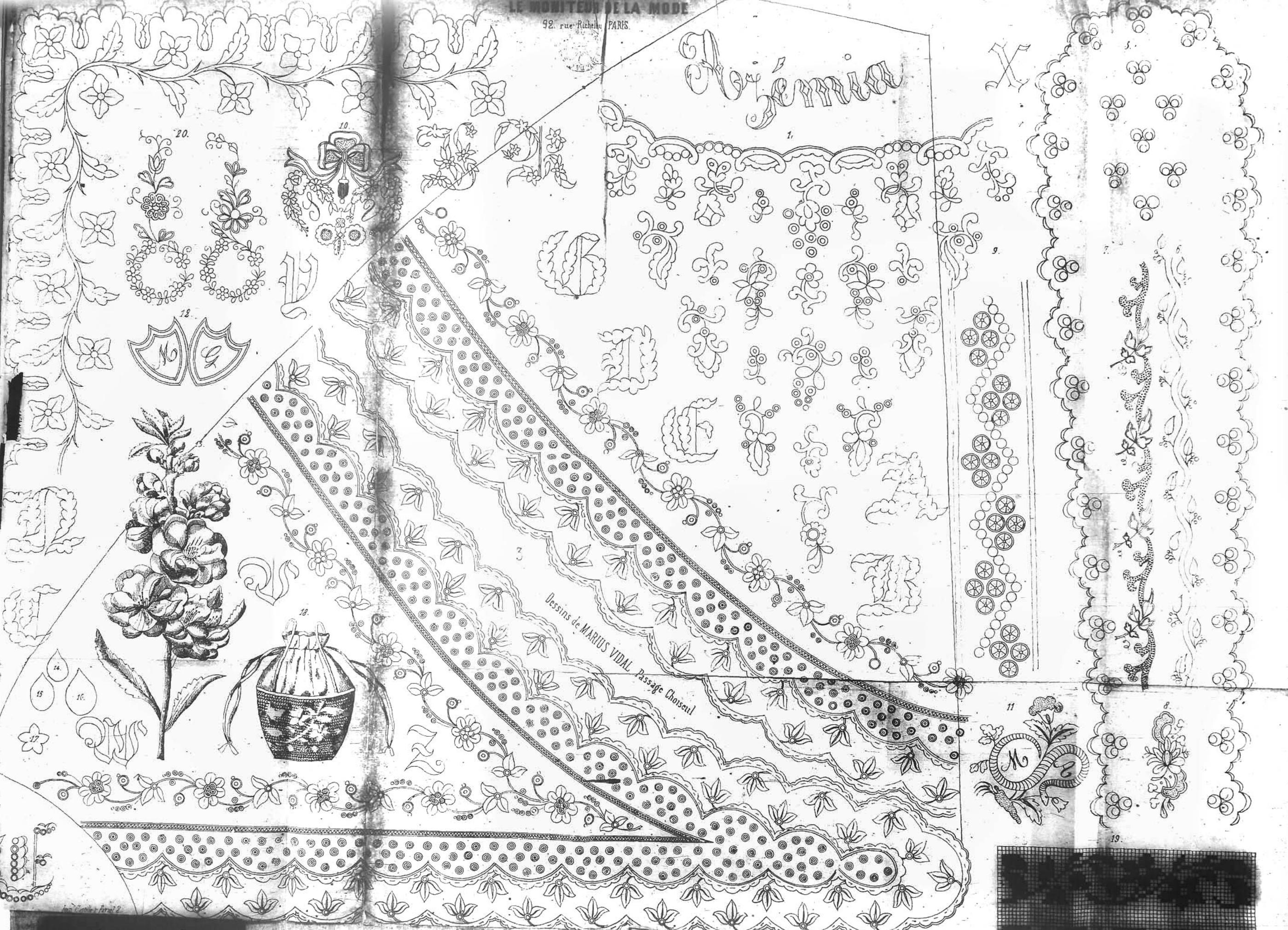
« Essa, ninguém lhe disse, Lucila tinha adivinhado que era a irmã de Fernando: parecia-se muito com elle.

« A sombra melancolica da fronte de seu irmão sombreava os traços divinos do semblante de Constança.

« Tinha os olhos enlanguecidos — o collo branco e marfiloso — os cabellos pretos e lustrosos como a plumagem de um *eysne* negro — e o corpo der-

1  
Noémie

X



dessins de MARIUS VIDAL  
Passage Choiseul

reia-se sobre a cintura como a vergonça da açucena ao peso da borboleta.

« Sua alvura era tão transparente e delicada que via-se o lídulo azul das veias de seu semblante — como se vê nas aguas claras de um corrego uma petala de violeta que vai mergulhada seguindo o influxo da corrente.

« Eis um dos anjos que Fernando adorava; fallentos agora da outra. Quem era?

« Lucila tambem já tinha adivinhado — mas era apenas uma presumpção o pensamento que empauou-lhe o semblante, quando apertou a mão dessa linda morena.

« Defronte uma da outra, era uma rosa pallida, defronte de uma rosa da Alexandria — um anjo do empireo, defronte de um anjo da terra — a estrella d'alva defronte da lua — uma loura pensativa defronte de uma moreninha risonha. Lucila defronte de Julia.

« Qual das duas era mais linda?! Para mim era Lucila: talvez pense assim por que tenho uma imagem semelhante no coração: — gosto muito das physionomias blondes, — gosto mais da branca e loura Zuluka do que do colto moreno e traças negras da Fornarina de Byron.

« Já estavam todos na sala, quando Lucila, que se sentava junto de Fernando, perguntou-lhe quem era essa mocinha tão bella que elle tinha trazido.

« O estudante, não podendo evitar-se de ser elle quem apresentasse uma á outra, as duas rivas, disse sorrindo para disfarçar a sua inquietação: — É minha prima — acha-a bonita?

« É mais do que eu, respondeu Lucila já triste e cheia de ciúmes.

« Eu não acho; palavra de honra.

Seguiu-se a apresentação nestes termos:

« Minha prima, disse Fernando, quero que sejas a amiga mais íntima de D. Lucila — quero que a estimes como si fosse tua irmã — quero que, como um juramento de tudo isso, lhe des um beijo fervente.

« Ambas se levantarão; e ouviu-se o estalido de duas bocas perfumadas que se tinham descollado.

« Está satisfeito? — disse Julia para Fernando — com um gestosinho desdenhoso.

« Não estou — disse elle baixo, — quero um tambem.

« Ingraçado! é de que está livre.

« Eu vou-me pois embora.

« Não... mas eu não posso dar, disse ella, supplicante.

« Estou gracejando.

« A conversação, continuou assim, versando parte della sobre a vinda da familia de Fernando, a qual não tinha outro motivo senão passeiar. As duas velhas tambem grudarão-se de prosa; e o resto das moças e da rapaziada continuavão nos seus divertimentos já ditos, de que apenas se levantarão na occasião da entrada da recente visita.

« Houve um jantar esplendido nesse dia — e de noite um *soirée*.

« De tudo isso resultou que no dia seguinte Julia e Lucila se consideravão duas rivas; e uma tinha ciúmes da outra.

« Aqui termino o Capitulo VI. Te poderia contar mais circunstanciadamente o que se passou nesse domingo, mas estou fatigado do baile, e com um somno diabolico!

« Chegavamos tambem nesse momento á casa, e tratámos de deitar-nos. Conversámos ainda um momento sobre o romance, e só colhi de mais, que Constança e Lucila tinham andado juntas no collegio, e que, esquecidas dos nomes uma da outra, forão se lembrando pouco a pouco das feições e de factos que se tinham dado entre ambas.

« Mas está-me parecendo que isso é péta do *marreco* do romancista, e por isso quarentena, minhas leitoras.

(Continúa.)

X. Y.



## POESIA.

### A MINHA LYRA.

Ritornare alla gioja mi sento,  
Quando un sogno di pace rammento.

G. REGALDI.

I.

Se não fóra o refrigerio,  
Que a minha-lyra me traz,  
Quando, das trevas no imperio,  
Se tolda todo o hemispherio,  
E me cerca de mysterio  
Essa tristeza tenaz...  
Ai! de mim o que seria,  
Se não fóra a poesia,  
Que me dá conforto e paz!

Ave de branca plumagem,  
Vens-me na mente pouisar;  
Do Céu me trazes mensagem,  
E com mystica linguagem  
Me cansas a ter coragem  
Para as máguas arrostar.  
Amicisas-me a saudade  
Nos ermos da soledade  
Vens-me flores desfolhar.

Bem hajás, ó poesia,  
Que assim me rasgas o véo  
Que a minh'alma ennegrecia.

Teu brando fulgor me guia,  
Como o astro que allumia  
Ao navegante o escarcéo.  
Bem lhas, ó minha lyra,  
Commigo canta e delira...  
Subamos ambos ao Céu!

II.

A que asylo me transportas,  
A que estranha região?...  
Abres-me rubidas portas,  
E de estrellas semi-mortas  
Só vejo o casto clarão!...

Candidas nuvens se estendem  
Em tapetes de vapor...  
Magos perfumes se accendem,  
E pelo espaço recendem  
Como suspiros d'amor.

Arroubada em melodia,  
D'aquí se escuta uma voz...  
D'onde vem esta harmonia?  
Um anjo nos fallaria?...  
Não, ó lyra. Estamos sós.

Que fantastica morada!  
E' dos sonhos o paiz?...  
E' reino de occulta fada?...  
E' gruta aérea, encantada,  
Onde vagueião houris?

Ao eden me transportaste,  
O' lyra, que Deus me deu,  
E se o eden me amostraste,  
Agora os véos lhe rasgaste...  
Vejo um mundo que é só meu.

III.

Entre inefaveis delicias,  
Minha mãe eu vejo aqui,  
Que, trahbordando em caricias,  
Desvaira, solta e ri.  
— Oh! filho, me diz, que adoro,  
Por quem sempre ao Céu imploro,  
Vem pôr termo á minha dor:  
Vem consolar-me á existencia,  
Que definha nesta ausencia,  
Como á séde murcha a flor.

Vejo meu pai... Como é nobre  
Do seu rosto a pallidez!  
Pensa em mim... Lá me descobre...  
Vou abraçal-o outra vez!  
E fartando o meu desejo,  
Vou depôr-lhe um terno beijo,  
Respeitoso, em cada cá;  
Vou... oh! Deus! mas que diviso?  
Esta face; este sorriso...  
Não me engano... E' minha irmã!

Tenho a meu lado um amigo,  
Que se ufana em ser leal,  
Que livre carpiu commigo  
Os grilhões de Portugal.

Irmãos n'alma, irmãos na crença,  
Na amplidão dos céos immensa  
Vimos fito o rei da luz.  
Juntos, á lua cantámos,  
Juntos, na serra, adorámos,  
Entre as peúhas, uma cruz..

Ai! só a não vejo... E' ella!  
Não me cega uma illusão;  
Este anção m'o revela,  
Esta ignota pulsação...  
Já me enlevo nos seus olhos,  
Que da vida entre os abrolhos  
Me vertem meigo frescor;  
Já deliro, e sem conselho,  
A seus pés dobro o joelho,  
Fico... idólatra d'amor.

IV.

Oh! bem haja a poesia,  
Que me trouxe a um mundo tal,  
Em que descubro á porfia  
Ora o seio maternal,  
Que em pequeno me acolhia;  
Ora o pai, que me carpia;  
Minha irmã que me sorria;  
Um amigo — uma harmonia;  
Os olhos, em que me eu via,  
Como em espelho virginal...  
Oh! bem haja a poesia  
Que me trouxe a mundo tal!

A. P. da Cunha.



### A formosura.

Pensais talvez que vos vou dizer dezenas de consas bonitas, das que dizem os poetas quando estão apaixonados; vou desde já dizendo que vos enganais; que não acrediteis em tal, e que, se não vos tendes na conta de formosa, não se vos dê disso: além da formosura, muito acima della, está o espirito, a graça e muitas outras qualidades mais duradouras, e que por isso se tornão sempre estimaveis.

A minha opinião, a respeito de formosura, não a imitto eu, para me não chamarem de eccentrica.

Vou tão sómente referir-vos o que li em um livro noticioso, do qual vos darei alguns extractos d'aquí em diante, que servirão, não direi de recreio nas vossas horas vagas, quando passardes vossos olhos pelo *Jornal das Senhoras*, mas de leves noções para entreter a avidez com que desejais por-vos ao alcance de noticias e apontamentos instructivos — se é que assim poder-se-hão chamar.

A significação da palavra formosura; diz o livro, está bem longe de apresentar um character fixo: ella varia segundo os tempos e os logares. Hoje um pé pequeno é uma das perfeições de uma

senhora: nem sempre foi assim; e ainda no decimo quarto seculo a grandeza do pé era um signal da belleza e da distincção de uma dama. Na França até pelo comprimento do sapato se conhecia a gerarchia da pessoa — o sapato de um príncipe não podia ter menos de tres palmos de comprimento — o de um fidalgo, dous palmos e meio — e o de um simples cavalheiro dous palmos.

Quem acreditará que houvesse um tempo, em que se julgava ser grande perfeição n'uma senhora o ter as duas sobrancelhas unidas? E comtudo é um facto attestado por autores antigos. Ovidio assegura que no seu tempo as senhoras de Roma puitavão o espaço entre as sobrancelhas, para que parecessem ser a continuação uma da outra. Esta moda também se usava entre os Hebreos. Jesabel, mulher de Achab e mãe de Joram rei de Israel, tendo sabido da chegada de Jhu, pintou os olhos com antimonio, ou como diz o texto Hebreo — escondeu os olhos em antimonio.

Na China, para uma pessoa ser tida por bonita, ora quem tal diria!.. é necessario ser gorda e rechonchuda, ter a cara larga, as orelhas grandes, os olhos mui pequenos, o nariz curto e chato, a bocca mediocre, a barba comprida, e os cabellos negros.

Mas sobre tudo, ali a maior belleza das mulheres consiste na pequenez dos seus pés, e para isso quando nasce uma menina logo as amas têm grande cuidado de lh'os ligar fortemente para que não cresçam.

A belleza das mulheres de Cumaná, na America do Sul, consiste em ter as faces magras, a cara comprida, e as coxas das pernas grossas; para o obterem, quando são pequenas lhes apertão a cabeça entre duas almofadas, e lhes ligão as pernas até acima do joelho.

Nas ilhas Mariannas, para que uma mulher seja formosa, é necessario que tenha os dentes negros e os cabellos brancos.

Entre as montanhas dos Alpes ha algumas aldeas, cujos habitantes têm grandes papeiras ou tumores no pescoço. Um Domingo, um estrangeiro que ali passava quiz ouvir missa, e entrou na igreja parochial ao tempo que o cura estava pregando: e como todo o auditorio, sem dar mais attenção ao pregador, começasse a rir destemperadamente; parou o cura com o sermão, e perguntou muito enfadado que motivos havia para tal riso; um dos seus freguezes lhe respondeu: que olhasse para aquelle estrangeiro, e que depois deixasse de rir se lhe fosse possível.

O cura com effeito reparou que o francez tinha o pescoço sem papeira, e conheceu logo a causa das gargalhadas: mas tomando ar serio e grave, reprehendeu o seu auditorio de falta de modestia, dizendo-lhe: « Não sei, senhores, que haja a razão sufficiente para que alguém escarneça do desgraçado, a quem Deus privou da perfeição: é necessario, meus filhos, perdoarmos os defeitos do proximo, e cobril-os quanto possa ser com o manto da caridade. Julgais que este homem de bem, posto que não tenha papeira, seja por isso incapaz de entrar no paraizo, do mesmo modo que vós? Não, não; o evangelho

« nos ensina, que é melhor entrar no reino do Céu, torto, corcunda, coxo, e até seni papeira, do que ir para o inferno com uma bella figura e a melhor papeira do mundo. »

O pobre cura com a sua papeira imaginava, bem como todos os seus freguezes, que estas excrecencias erão uma parte necessaria para a belleza e perfeição do corpo humano, e que sem esse appendice o homem era defeituoso.

Socrates chamava á belleza — uma curta tyrannia. Platão — um privilegio da natureza. Theofrasto — uma eloquencia muda. Diogenes — a melhor recommendação. Theocrito — uma serpente escondida entre flores. E Bion — um bem que nos não pertence.

— Seja porém como for, a formosura, só por si, hade sempre ser para os olhos — uma bella paisagem na sua primavera.

*Viscondessa da ....*

## A Amazona Brasileira.

É com muito prazer que damos ás nossas leitoras o seguinte artigo, que extrahimos de um Jornal francez, o qual explica-se nestes termos.

« Em um jornal de viagens ao Brasil, depáramos com um exemplo singular de exaltado heroismo em uma joven meuna, que por motivos de patriotismo voluntariamente honrou as armas e vestiu o uniforme. D. Maria de Jesus é a nossa heroína que tão celebrada tem sido no Reconcavo. Ao seu uniforme, igual ao de qualquer soldado dos batalhões do Imperador, apenas juntava um manto á Escocza lançado sobre o hombro.

Seu pai era portuguez, chamava-se Gonçalves de Almeida, e era dono de uma pequena fazenda, onde criava algum gado: sua mãe também era portugueza.

Parece, segundo o que conta D. Maria, que no principio da ultima guerra do Reconcavo, varios emissarios se espalhãro por todo o paiz para recrutarem os patriotas, e que um destes chegou á casa de seu pai em certo dia, a horas de jantar; e que tendo sido convidado, depois de comer, começara a expender o objecto da sua missão, representando o poder e a riqueza do Brasil, e a felicidade a que podia chegar si se tornasse independente. Alargou-se sobre o que chamava longa e oppressora tyrannia dos portuguezes, e á fraqueza, de, por mais tempo, se submitterem ao governo de um pequeno paiz da velha Europa.

Fallou por muito tempo, e com a maior eloquencia, dos serviços que D. Pedro tinha prestado ao Brasil; das suas virtudes e das de sua esposa, até que a final o coração de D. Maria se incendiou com o fogo do patriotismo.

O velho porém, que não sentia igual enthusiasmo, respondeu, que a sua idade avançada lhe não permitia juntar-se ao exercito; que não tinha filho algum que possesse offerecer, e que apenas poderia ceder algum escravo, mas que este de pouco proveito seria, não tendo interesse algum em combater pela independencia do Brasil: concluiu, que, á vista de tudo, esperaria com

paciencia o resultado da guerra, e se submeteria pacifico ao partido que vencesse.

D. Maria escutou tudo com a maior attenção, e tendo ido visitar a irmã casada, que vivia em outra roça distante, ali repetiu todo o discurso do emissario, accrescentando, que se fôra homem iria juntar-se aos patriotas.

A irmã tambem enthusiasmada disse-lhe « Se não tivesse marido e filhos bastava metade do que lhaveis contado para seguir o partido do Imperador. »

Isto foi bastante. Maria pediu algum facto de seu cunhado, e como seu pai tinha de fazer uma viagem a Cachoeira para vender o seu algodão, resolveu-se ella aproveitar a occasião de o seguir a certa distancia para ser protegida em caso de necessidade. A final á vista da Cachoeira parou, e sabindo da estrada, vestiu-se de homem, e entrou na cidade em uma sexta feira, e no domingo seguinte já tinha assentado praça no regimento de artilheria.

Sentindo-se porém assaz debil para a arma que havia preferido, passou pouco depois á de infantaria.

Tendo sido mandada com despachos ao Imperador, este lhe deu o posto de alferes, e a condecorou com a ordem do Cruzeiro, pondo-lhe elle mesmo a insignia sobre o uniforme.

M. de la M.

### A Sociedade Phil'Euterpe.

Podem-nos a publicação do seguinte artigo, e nós o fazemos com tanto mais gosto quantas são as boas disposições que couservamos em favor desta util Sociedade.

No dia 26, tivemos o prazer de assistir pela primeira vez á reunião de recreio da Sociedade Phil'Euterpe, e sinceramente o confessamos, não julgavamos estar ella em posição tão brilhante e elevada, graças ao bom gosto e actividade de seus dignos directores, a quem, seja-nos permitido tributar os merecidos eucemios, e tanto maiores, quanto é a indifferença que entre nós se dá para o cultivo das bellas artes. O concerto esteve magnifico, e muito se distinguirão na execução das peças do mesmo os varios amadores e artistas que o compunhão; entre estas sobresahirão as cavatinas das operas *Testa de Bronze* e *Sapho*, cantadas com primorosa perfeição, e da mesma sorte o bello dueto dos *Puritãos*. O Sr. Maersch executou no piano uma deliciosa fantasia de sua composição sobre o romance favorito a *Sepultura*, as variações são delicadas e graciosamente delineadas; sustentando sempre o thema com effeitos lisongeiros e

agradaveis, passa depois a um adagio sentimental e finalisa com o mesmo thema em movimento de walsa, o que produz um contraste de uma sorpresa encantadora. Temos pois uma nova composição de piano, que ousamos recomendar ás nossas pianistas pelo seu merito não vulgar.

Não acabaríamos se quizessemos descrever todas as emoções agradaveis que neste sarao experimentámos, nem tão pouco tecer elogios a todos os virtuosos que tão satisfactoriamente desempenhãao as partes de que forão encarregados; sirvão estas duas linhas de pequeno tributo ao seu esmerado talento, e de estímulo a muitos outros amadores que por ali vivem, occultando seus meritos como se não-houvesse quem dignamente os aprecie.

Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1855.

O Tamoyo.

### Prado Fluminense.

O *Correio Mercantil* dá-nos a noticia de que as corridas, que devem ter lugar no Prado Fluminense no dia 8 do corrente, serão as mais brilhantes que têm havido até hoje. Além de seis *gentlemen ridders*, que disputarão um dos premios, montados sobre cavallos de preço, correrá uma legitima egua ingleza com dous cavallos do Cabo. Correm tambem muitos cavallos do paiz pertencentes ás escolhidas cavalladas dos Srs. Couto Reis e Manoel de Aguiar. Haverá tambem uma corrida de carros á romana.

Pelo programma que deixamos esboçado têm os amadores nesse dia uma verdadeira festa hippica, e é facil prever como ficará o *turf* apinhado. Aos esforços do Sr. major Suckow se deve a introdução entre nós dessas festas que reúnem o *utile dulci*.

### CHARADA.

Sou droga medicinal	2
Como a charada acabar	
Se me faltão consoantes?...	
— Altar, ligar, apertar...	1

Rei já fui  
E fructa sou,  
Cresco ao relento:  
Adivinhou?

A charada do n.º 48 é: *Venturata*.

Acompanha este n.º 49 uma estampa com figurinos de diversos *toilettes*.